

Reflexos da conquista do Espaço no Direito Internacional

JOÃO BOSCO MOTA AMARAL*

A conquista do Espaço foi um sonho de muitas gerações. Numerosos autores a anteciparam, fantasiando a viagem à Lua, desde Júlio Verne a H. G. Wells e, noutra registo, Hergé, que também levou até ao satélite da Terra o seu e nosso herói Tintin, com os habituais companheiros de aventuras, incluindo Milou e os impagáveis detectives Dupond e Dupont, estes com o estatuto de passageiros clandestinos, todos viajando a bordo de uma nave construída sob orientação do genial Professor Tournesol.

Para além da Literatura, também o Cinema aderiu ao fascínio pelo Espaço exterior. E desde George Méliès, nos primórdios da nova Arte, com a sua fantástica viagem à Lua e o encontro conflituoso com os respectivos habitantes, são inúmeros os filmes sobre viagens interplanetárias, nos últimos tempos abordando já temas que deixaram de ser ficção científica, como a vida na Estação Orbital e os problemas daí decorrentes.

Na década de 50 do século XX a conquista do Espaço tornou-se um motivo de competição entre as duas maiores potências político-militares da época, os Estados Unidos da América e a União Soviética, cada uma delas liderando um bloco de nações, envolvidas todas nas dinâmicas da Guerra Fria.

Não é possível ignorar que o grande esforço no planeamento e construção de veículos espaciais, destinados ao transporte de armas ofensivas, tinha sido

* Professor Catedrático Convidado, Universidade dos Açores, Portugal.

feito pela Alemanha, dominada então pelo regime nazista e em plena II Guerra Mundial. Hitler apostava tudo numa arma secreta, que lhe permitiria aniquilar os adversários e obter o triunfo, mas nisso também fracassou, felizmente... Quando a guerra acabou, com a rendição incondicional da Alemanha, os cientistas envolvidos nessas investigações foram levados, mais ou menos à força, por russos e americanos, para os respectivos países e pertenceu-lhes boa parte da responsabilidade no processo de aperfeiçoamento dos foguetões necessários à exploração espacial.

A Rússia começou por levar a melhor e colocou em órbita o primeiro satélite artificial da Terra ainda nos anos 50, o famoso Sputnik, agora recordado no nome da polémica vacina subitamente descoberta e fabricada nesse país. Foi também um feito russo o primeiro lançamento e recolha de um animal a bordo de um veículo espacial, a cadelinha Laika. E até de um ser humano, o astronauta Yuri Gagarine. A primeira astronauta foi também russa, Valentina Tereshkova.

Com a América claramente ficando para trás, foi o Presidente John F. Kennedy a fixar o objectivo de levar uma tripulação à Lua e trazê-la de volta em condições de segurança antes do fim da década de 60. A mobilização de recursos e os sacrifícios feitos foram enormes. A certa altura, Kennedy tentou mesmo convencer os dirigentes russos a aceitarem organizar a expedição conjuntamente, dando ao Mundo um exemplo de cooperação, que ajudaria a atenuar as tensões e até as ameaças de guerra atómica então pendentes sobre a Humanidade.

Na falta de resposta positiva, a NASA levou por diante o Programa Apollo e em 20 de Julho de 1969, perante o pasmo de milhões de pessoas que seguiam o acontecimento em directo, através da televisão, os astronautas americanos puseram os pés no solo lunar e deram início a uma era nova no relacionamento do Homem com o Cosmos.

Até hoje, só os americanos pisaram a Lua e até a percorreram em diversas direcções, usando um veículo apropriado; apesar de várias outras tentativas de alunagem por naves provenientes de diferentes países, em nenhum caso foram transportadas nelas pessoas humanas.

Desde então a exploração do Espaço continua e já foi possível enviar sondas e robôs a todos os planetas do Sistema Solar, comprovando que não há selenitas, nem marcianos, nem habitantes em Ganimedes, uma das luas de Júpiter, desfazendo neste caso a imaginação do autor das aventuras em banda desenhada do heróico Flash Gordon. O que ficou evidente de tais explorações, para além da sofisticação dos meios utilizados, é que, até ao limite que a nossa capacidade alcance, não há vida inteligente que se nos possa comparar.

A corrida ao Espaço e o domínio dele levanta complexos problemas, que o Direito Internacional procurou abordar e resolver por antecipação através do “Tratado sobre os princípios que regem as actividades dos Estados na exploração e utilização do Espaço Exterior, incluindo a Lua e outros corpos celestes”, assinado pelos governos de Londres, Moscovo e Washington, a 27 de Janeiro de 1967. Este tratado foi celebrado sob os auspícios da ONU e recolheu doutrina contida em declarações anteriormente aprovadas pela respectiva Assembleia-Geral. Portugal aderiu a este importante instrumento internacional no seguimento da sua aprovação pelo Decreto-Lei n.º 286/71. A entrada em cena de operadores privados no domínio das viagens espaciais vem levantar problemas novos, carecidos de regulamentação futura.

Os principais preceitos do tratado são os seguintes: a Lua e os outros corpos celestes são domínio da Humanidade no seu conjunto e por isso insusceptíveis de apropriação por qualquer Estado; a exploração da Lua e dos outros corpos celestes deve ser feita em espírito de cooperação internacional, partilhando-se os conhecimentos adquiridos entre todos os interessados; as finalidades de tal exploração devem ser pacíficas, com expressa proibição do uso de armas nucleares ou outras; a instalação de bases militares na Lua e nos outros corpos celestes é igualmente proibida. O tratado inclui ainda garantias de protecção dos astronautas.

Foi já dentro deste espírito que os primeiros astronautas, tendo embora hasteado, com todas as honras devidas, a bandeira do seu País, deixaram na Lua uma mensagem lembrando que tinham vindo em paz e em nome de toda a Humanidade. E ainda a partir do solo lunar, observando com deslumbramento o “nascer” da Terra, a todos nos avisaram, dando impulso aos movimentos ecologistas, sobre a pequena dimensão e a fragilidade do nosso belo Planeta Azul.

Bibliografia

- Astronomie*. 1981. Canadá: Librairie Larousse.
- CALDER, Nigel. 1991. *Nave Espacial Terra*. Lisboa: Gradiva.
- GOUVEIA, Jorge Bacelar. 2017. *Textos Fundamentais de Direito Internacional Público*, 4.ª edição. Coimbra: Almedina.
- O Telégrafo*. 1883. N.º 1, 2 de setembro.
- RIBEIRO, Nelson. 2007. “A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização (1933-1936)”. *Comunicação & Cultura* 3: 175-176. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2007.446>.
- RONAN, Colin A. 1992. *História Natural do Universo*. Lisboa: Editorial Verbo.

RÜKL, Antonín. 1980. *Astronomie – Guide del'amateur*. Paris: Grund.

SAGAN, Carl. 1980. *Cosmos*. New York: Random House.

The Encyclopedia of Space, Travel and Astronomy. 1985. New York: Crescent Books.

TREFIL, James S. 1985. *Space, Time Infinity*. Washington: Smithsonian Books.